

☐ Saiba quais são as visões da CUT
frente às privatizações - págs. 04 e 05

☐ Alteração dos estatutos da Elos
preocupam trabalhadores - pag. 07

☐ Projeto Meia Hora retorna
com atrações nacionais - pag. 08

ACORDA! TÁ NA HORA

3º Congresso dos
ELETRICITÁRIOS de Florianópolis

ENERGIA



No caminho do desemprego

Jair Maurino da Fonseca
Diretor do Sindinorte

Hoje nenhuma pessoa no Brasil, política ou não, no seu dia a dia, deixa de pensar no desemprego. Não por intuição própria, mas pela intuição da política econômica adotada pelo governo FHC, que na vida do trabalhador, tem como uma das principais consequências o desemprego.

O avanço do neoliberalismo, que surge da classe dominante de maneira intensa, vem para assolar a vida do trabalhador, para retroceder nossas conquistas obtidas com muita luta e sacrifício nos últimos 50 anos. FHC, que

insiste em adotar a política de mercado imposta pelo neoliberalismo, que tem fome de lucro como princípio para atingir seu objetivo, deixará o trabalhador a "deus dará", eliminando a justiça do trabalho, sucateando as leis trabalhistas, jogando a CLT no lixo e ignorando as entidades sindicais, com o objetivo de extingui-las. Cria medida provisória desobrigando o patronato de discutir com os sindicatos, a abertura no comércio nos finais de semana e se defende em nome da modernidade, como se tivéssemos que entrar nesse mundo como paciente e não como ator.

Hoje, no Brasil, o movimento sindical está atuando 24 horas por dia, contra o arrocho salarial e desemprego, fato que leva a classe trabalhadora ao pânico e ao desagregamento do sindicato, que é a única forma de resistência hoje ao neoliberalismo. Deixa de atuar com afinco na questão de segurança e medicina do trabalho, desviando sua concentração de força para o desemprego, mesmo diante da alarmante estatística de acidentes do trabalho, que registrou 426 mil casos no Brasil, só em 1996. Neste caso o empresariado esquece que medicina e segurança do trabalho também é "modernidade".

Quem de todos nós, não tem um filho, um irmão, um parente que há anos procura um emprego? Se o empresariado nacional não se convencer que essa política de abertura é uma desgraça também para ele, certamente será levado ao mesmo destino que o do México, Argentina, Tailândia, Malásia e Indonésia: falência e quebra. É preciso entender que cada desempregado é um freguês a menos para o comércio. Cada freguês a menos no comércio é uma encomenda a menos da indústria. Uma encomenda a menos da indústria, é um desempregado a mais na rua.

expediente

LINHA VIVA é uma publicação da Intersindical dos Eletricistas de SC. Jornalistas Responsáveis: Marli Cristina Scamazzon (DRT/RS4966) e Alessandra Mathyas (SC 00755 JP). Ilustrações: Frank Maia. Diretoria de Imprensa: Olga Leocádia Vieira. Redação: Rua Lacerda Coutinho, 149, Fpolis, SC. CEP 88015-030. Fone (048)224-9114 - Fax 224-9104 e-mail: sinergia@matrix.com.br

EDITORIAL

A História pede resistência

Em princípio seria Furnas, mas FHC recuou diante da forte oposição de entidades e políticos da região, inclusive do presidente daquela empresa. Agora, para dar um chute inicial na chamada megaprivatização de 98, FHC decidiu que a Eletrosul será a primeira grande geradora de energia elétrica a ser privatizada.

Assim, como um "vendilhão do templo", este presidente que já acumula mais escândalos em torno do seu nome que Collor de Melo, pretende entregar este patrimônio da população brasileira para empresários nacionais e internacionais, com o objetivo de cobrir o rombo do Plano Real, tentando assegurar sua reeleição.



Isto exige uma reação. A Campanha Contra a Privatização da Celesc e da Eletrosul está aí, ganhando adeptos e corpo a cada dia que passa. É imprescindível resistir e fazer com que as privatizações se tornem tão impopulares a ponto de fazer com que FHC recue neste processo. Aceitar a privatização da Eletrosul sem resistir, é contribuir para a privatização de todos os setores de infra-estrutura, não só do setor elétrico. É auxiliar FHC a entregar todas as riquezas do Brasil e a inviabilizá-lo como nação, que é o objetivo do neoliberalismo nos chamados países emergentes. É uma irresponsabilidade diante de nossos filhos. É uma covardia diante das gerações futuras.

Durante a 3ª Plenária contra a Privatização, sábado passado, o Linha Viva conversou com alguns trabalhadores da Eletrosul sobre como é que estão vivendo este momento. Abaixo o depoimento de cinco deles.

Eu estou indignado. Não vejo como um problema pessoal, meu emprego (eu me viro por fora).

Eu gosto da Eletrosul, de trabalhar lá, o papel que ela tem no estado. Não é só o meu emprego que vou perder, mas a sociedade perde, os excluídos vão sentir. Terão que voltar à época do lampião. Se tivéssemos uma moralização da Eletrosul nós teríamos a sociedade do nosso lado. Trabalhador há 10 anos na sede da Eletrosul.

Apesar de não ter me preparado, eu já tinha bem claro que isto ia acontecer. Há muito tempo. O que está acontecendo entre nós, os trabalhadores da Eletrosul, me entristece. A categoria está completamente apática. Parece que, nos momentos em que foi mais fácil lutar, que a gente sabia que podia vencer as pessoas aderiam. Agora que a luta é difícil e que é possível sairmos derrotados vejo as pessoas desencorajadas. É triste. Pensam em preservar seu emprego, alimentam a ilusão de que vão ficar. Estão se enganando. É triste ver as pessoas recuando. Às vezes me indisponho com os colegas por causa disto. Eles dizem que perdemos a luta nas eleições e que agora não dá para fazer mais nada. Vivemos um momento que extrapola nossos interesses pessoais, está em jogo quais são nossos ideais, nossa opinião a respeito disto tudo. Na verdade, estas pessoas não querem resolver os problemas, como a ingerência política na Eletrosul e assim por diante. Trabalhador há 8 anos e meio na empresa.

Estou saindo da empresa, aposentado. Evidentemente minha situação é diferente dos outros. Mas eu sinto pelos meus companheiros. Sou solidário neste momento difícil para eles. Vejo a ilusão de alguns por que vão passar o Così para Florianópolis, dizem que isto vai dar continuidade à sede, já que terão que administrar isto. Não sei não. Trabalhador, há 28 anos na Eletrosul.

Estou tão preocupado que vim aqui hoje para ver o que está sendo feito a nível nacional, se vão tentar bloquear a coisa. Eu me especializei, ao longo da vida numa atividade (controle para construção de obras) em que não tem campo na iniciativa privada. Tenho três filhos, 43 anos, sem perspectiva nenhuma no mercado. Não sei trabalhar de pedreiro. Vendedor é difícil, a disputa tá muito grande. Estou me sentindo da pior maneira possível. Não há solidariedade e a sociedade não entende ainda o que está para acontecer. Quem não tem direito nenhum em vez de lutar para ter os mesmos direitos que os outros, briga para tirar daqueles que têm. Trabalhador, 22 anos de empresa.

Eu sou suspeito. A Eletrosul sempre foi coisa passageira para mim, nunca pensei que morresse ali. As notícias da última semana me pegaram meio anestesiado. Minha luta continua: é por uma sociedade mais justa, mais igualitária. Isto é maior que meu emprego. Me pergunto nestes últimos dias onde estão aquelas pessoas mais antigas na luta? Estão apáticas, não tem coragem. Nem aqui neste encontro vieram. Eles não estão do outro lado, mas perderam a coragem, estão cada vez mais acuados e resolveram não se expor. Trabalhador, há 10 anos na sede.

3º Congresso do Sinergia debate privatizações

Dias 24 e 25 passados, aconteceu o 3º Congresso dos Eletricitários de Fpolis. A abertura contou com a presença de Gilmar Mauro, da Coordenação Nacional do MST, que falou sobre a conjuntura nacional e privatizações. Cerca de 150 pessoas ouviram a exposição, que está resumida abaixo.

No sábado, na Escola Sul da CUT, aconteceu a 3ª Plenária Contra as Privatizações (veja páginas do meio) e à tarde o congresso prosseguiu com apresentação de teses, trabalhos em grupo e a plenária final. Aproximadamente 70 pessoas participaram

destas atividades.

As teses apresentadas foram Reflexões Sobre a Profissionalização na Celesc, de Paulo Sá Brito, Construindo Empresa Pública, de Luiz Césare Vieira, Conjuntura, pelo Dieese, e Concepção e Prática Sindical, assinada por um grupo de diretores do Sinergia. Todas as teses serão publicadas no livro do 3º Congresso dos Eletricitários de Fpolis.

Entre as deliberações do 3º Congresso estão algumas alterações no

estatuto do sindicato. As mais importantes são: 1- extensão do mandato dos representantes de base para três anos, com eleição junto com a da diretoria; 2- 60 dias, no mínimo, de antecedência na convocação para os próximos congressos; 3- criação de uma diretoria de Previdência; e 4- que o representante sindical passa a ter status de diretor. Estas alterações deverão ser submetidas à assembléia geral dos associados do Sinergia.

“As elites nos querem fora do debate”

O MST tem tudo a ver com as privatizações. É um direito e dever nosso. Antes de sermos sem terra, somos cidadãos do Brasil. Na nossa carteira de identidade, como na de vocês também está escrito “nacionalidade: brasileira”. As elites brasileiras é que querem que a gente fale só de reforma agrária. Nós, como a sociedade em geral, exercemos um papel. No momento, é lutar contra o neoliberalismo cujas graves consequências estão encobertas pela falsa propaganda do controle da inflação. Está errado quem acha que a situação no Brasil é boa. O custo é muito alto e vai quebrar. Por isso, é necessário juntar o povo e discutir projetos alternativos.

OS OBJETIVOS DE FHC

O objetivo do governo neste momento é a reeleição, para continuar administrando a crise econômica. A nossa economia não cresce. O Brasil está se endividando cada vez mais (quando FHC assumiu, a dívida era de R\$ 60 bilhões e hoje é de R\$ 200 bilhões). Administrar esta crise é o grande objetivo deles, conter suas contradições internas. O terceiro objetivo importante deles neste momento é ter hegemonia no Congresso Nacional. Hoje eles tem esta hegemonia, mas existem deputados e senadores “lumpem”, que votam com eles mas precisam ser comprados e isto desgasta. Eles querem eleger uma bancada mais afinada, por isto todos os ministros, secretários, figuras de destaque do governo vão sair candidatos a deputado. E, mais ainda: querem manter e se possível ampliar as alianças que têm. Isto também é fundamental para eles.

Outra grande meta é acabar com a oposição. O modelo deles é complicado, tem contradições do ponto de vista econômico e entra em crise a todo momento. Eles sabem que vai quebrar. Mas o problema não é ter uma legião de pobres. A Etiópia está cheia de pobres e nada acontece. O problema é ter pobre organizado. Por isto vão utilizar tudo que tem para acabar com a oposição.

Nós do MST estamos sentindo esta tática em relação a nós. Aliás eles estão aprendendo com a gente: é pau e prosa; morde e assopra, ocupa e depois negocia. Eles negociam mas batem, estimulam a polícia a bater e a imprensa a nos criticar.

DENTRO DA OPOSIÇÃO

Dentro desta lógica, o que querem é esfriar os pontos de tensão. A região do Pontal, por exemplo. Qualquer coisa que acontece lá, retumba. Então eles lutam para que os ânimos na região se acalmem. Já no Paraná, por exemplo, onde foi feita semana passada uma marcha que reuniu 7 mil pessoas em Curitiba, contra a prisão de 24 lideranças e despejo em acampamentos, não apareceu na imprensa nacional.

Dentro desta tática, eles, por exemplo, querem evitar a condenação do José Rainha. Por isto transferiram o julgamento para Vitória. Não dá para condenar o Rainha nesta conjuntura, mas dá para deixar livre os assassinos da Candelária, o anão do orçamento e assim por diante.

Também tentam desgastar qual-



Gilmar Mauro

quer movimento, provocando divisões internas e promovendo a luta corporativa. Eles sabem que cada setor da oposição sozinho não consegue fazer o enfrentamento e, por isto, querem que cada um lute apenas no seu campo.

Cada vez mais a esquerda se fraciona, se divide, não por um projeto mas por disputa de poder. Há uma crise de representatividade muito grande, têm setores que não conseguem mobilizar nem seus familiares. Uma parte da esquerda se institucionalizou até como forma de sobrevivência política. Não fazemos mais análises de conjuntura. Nos movimentamos num ambiente de fofoca política, fofocas pautadas pela rede Globo e Folha de São Paulo.

Nossa luta não é trabalhar com os incluídos, com os que estão empregados, mas com os desempregados, que são a maioria da população. O Pessoa da Força Sindical já declarou que não quer o poder, mas uma parte dele. Medeiros vai lutar

pela reeleição de FHC porque quer ser ministro. Talvez do Trabalho. Ele é pessoa que enriqueceu de uma forma fantástica em quatro anos e hoje é o braço sindical do FHC. Chega a esnobar dizendo que vão “comprar sindicatos”. Então se repete aqui o que já aconteceu no México e Argentina: sindicatos hegemônicos em relação íntima com o governo.

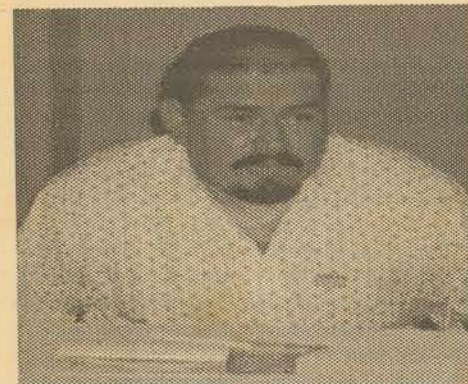
Resumindo: a situação é mais complicada do que imaginamos. A direita tem o controle de vários setores. Tem o controle dos meios de comunicação, tem controle de sindicatos, tem os empresários, tem uma aliança de partidos e nós não conseguimos ter unidade e estamos perdidos entre um monte de tendências. Nosso grande desafio é romper com o corporativismo. Acabar com a história de que o MST só tem a ver com luta pela terra e que sindicato só tem a ver com luta por salário desta ou daquela categoria. Desse jeito não vamos a lugar nenhum. Sem termos um movimento de massa não vamos conseguir detê-los.

O QUE FAZER

Entre as várias tarefas que nos propomos está a de organizar os excluídos (sem teto, sem emprego, etc), massificar a luta dos movimentos populares. Temos que dar organicidade a estes movimentos, aprender que a luta não se faz por calendário. Formar novos quadros. As escolas dão os elementos teóricos, mas é na luta que se aprende. E, também importante, debater e fazer crítica contundente ao modelo neoliberal apresentando um modelo alternativo. O Muro de Berlim não caiu na nossa cabeça. A luta de classe continua. É isto que temos que ter presente.

As três visões da CUT para enfrentar as privatizações

A 3ª Plenária Contra as Privatizações que aconteceu sábado passado, concomitantemente ao Congresso do Sinergia, foi destinada ao debate com a CUT Nacional sobre as estratégias da central frente à privatização do setor elétrico. Foram escolhidos para o debate representantes de três tendências da CUT. De concreto pode-se observar que a central, apesar de contra a venda das estatais, não tem nenhum plano de ação de enfrentamento das privatizações em geral e menos ainda para o setor elétrico. Estavam também presentes na plenária representantes de vários sindicatos e pessoas que individualmente defendem o setor público (veja entrevistas ao lado).



Pedro Ivo Batista - Executiva Nacional da CUT



João Vacari, vice-presidente nacional da CUT



José Maria de Almeida, CUT Nacional

A CUT vive uma conjuntura muito difícil. Não está fácil mobilizar os trabalhadores. O que mais atrapalha é a vacilação da maioria da central, cuja visão é de trabalhar dentro da lógica do neoliberalismo. Assim, é claro, ela perderá a disputa. Isto acontece não só com a CUT mas com a esquerda em geral. Aham que o fim das tiranias burocráticas acabou com o socialismo e que hoje a luta é só pela cidadania e para incluir os excluídos. Isto não é suficiente. Isto é trabalhar na lógica do capitalismo. A luta de classe está presente e temos que ter um projeto alternativo de disputa com o capitalismo. O que acontece é que, até o momento, não tivemos capacidade para isto. Não apresenta-

mos alternativas e não transformamos nossas divergências em ações concretas. Com isto diminuímos o enfrentamento.

Um exemplo: durante a greve dos petroleiros o governo tomou aquele episódio como político. O Estado assumiu desta forma, o judiciário também, assim como o parlamento e a imprensa. Do outro lado os dirigentes sindicais diziam que a greve não era política, mas salarial. Rebaixaram a pauta da greve. Nosso papel é de disputar com o Estado a forma de como administrar para as amplas maiorias.

Nosso primeiro passo seria fazer uma campanha de desmistificação da política das privatizações, mostrando que esta é uma

questão essencialmente ideológica. Este projeto neoliberal existe para salvar a crise do capital. Estamos cansados de ouvir os noticiários, os políticos, o presidente da República falando 'o mercado isto, ... o mercado aquilo, ... isto é bom para o mercado, ... aquilo vai fazer o mercado sofrer...', etc., enquanto que os seres humanos, para eles, são meras máquinas de dar lucro.

A privatização da energia elétrica e da água é fundamental para eles. Com isto estão privatizando os recursos naturais do país. Com a crise energética que assola o mundo, é fundamental para os países dominantes se apropriar dos recursos naturais. Já se sabe que quem tiver água e energia no próximo

milênio controlará o mundo. Isto não é um lema mobilizador das pessoas de imediato, mas vai ser colocado para que possamos entender estratégias destes aventureiros internacionais.

A questão da energia, por exemplo, vai além dos problemas da empresa de energia elétrica, direitos dos trabalhadores destas empresas, direitos dos consumidores de energia elétrica. É uma questão que tem a ver com a vai controlar o mundo no próximo milênio. Além do aspecto político é uma questão ambiental e global. A idéia hegemônica é que importa é consumir e que os recursos não são infinitos. Ela afeta os países de forma diferente e é planetária. Eles vêem

que um dia está entre nós. Não vamos a lugar nenhum alimentando este debate.

A CUT está vacilando e porque todo mundo está vacilando. Que ninguém venha dizer buscar alternativas para termos melhor condições de vida é algo que está dentro da lógica neoliberal.

Hoje temos no Brasil uma telefonia de alta competitividade com acesso a transmissões em todo país, mas é difícil para a população ter um telefone. No Ceará, é comum ver aqueles linhões de transmissão de energia elétrica que abastecem grandes projetos industriais passando em cima de pequenas cidades que até hoje vivem sem energia

elétrica. A lógica vigente é de abastecer o mercado. Em São Paulo temos o exemplo da CPFL. Ela foi formada de um conjunto de empresas que não investiam, que não executavam o serviço que deviam. O Estado as encampou, construiu barragens, investiu. Agora vão vender porque dizem que o Estado não funciona. Isto está acontecendo com os bancos, com todo o resto. Quando houve demanda de investimentos, os empresários não quiseram 'comprar'. Nós, o povo, investimos. E agora eles querem tudo de novo. É um processo cíclico que dura cerca de 30 anos.

que temos que lutar contra a privatização. Mas não podemos eternizar esta visão de

que temos que lutar contra a privatização. Mas não podemos eternizar esta visão de

que temos que lutar contra a privatização. Mas não podemos eternizar esta visão de

que temos que lutar contra a privatização. Mas não podemos eternizar esta visão de

que temos que lutar contra a privatização. Mas não podemos eternizar esta visão de

que temos que lutar contra a privatização. Mas não podemos eternizar esta visão de

que temos que lutar contra a privatização. Mas não podemos eternizar esta visão de



Foi aberta a concessão para a coleta de lixo do sul da ilha. Outros setores da prefeitura estão sendo também privatizados. Estamos buscando apoio e procurando envolver a população neste debate. **José Arruda Filho**, do Sintrasm, o sindicato dos municipais de Florianópolis



A CRAB não luta só por conquistas sociais para os atingidos. A luta do Sinergia é por uma sociedade mais justa, para que os trabalhadores sejam construtores de um mundo melhor e esta também é a luta dos atingidos. **Ivo Ademar Zapparoli**, vereador (PT) de Anita Garibaldi e da coordenação geral da CRAB.



Como trabalhador e cidadão me interesse pelos rumos que o movimento sindical toma em defesa dos interesses sociais e coletivos dos trabalhadores. Participo desta luta. **Mauri Antonio da Silva**, estudante de mestrado em Sociologia Política e ex-sindicalista.

A luta do Sinergia é comum a todos trabalhadores, defende a soberania nacional e a sobrevivência do povo. Os excluídos não terão vez se estes serviços forem privatizados. **Jucélio Paladini**, Sindicato de Águas (Sintae)



AGENDA DA CAMPANHA

30 de outubro

14 horas - reunião na CUT/SC para discutir privatizações

3 de novembro

12 h 30min - inicia projeto **Meia Hora** e vai até dia 8, na Celesc e Eletrosul (veja na página 8)

17h 30 min - debate com lideranças de comunidades atendidas pelo Comitê Ação da Cidadania, em Florianópolis

18 horas - debate na Câmara de São Bonifácio

11 de novembro

Debate na Associação de Moradores Amigos de Coqueiros

17 de novembro

9 horas - Sessão Especial, na Assembléia Legislativa, sobre as privatizações

A estratégia geral da CUT é de combater. Estamos fazendo o trabalho de construir um diálogo com a sociedade sobre o que vai acontecer no futuro. Deixamos o setores trazerem suas estratégias e o modo melhor de fazer este diálogo.

Não esqueço uma conversa durante uma reunião da Executiva Nacional em que estavam presentes os companheiros da Vale do Rio Doce, que iria ser privatizada logo. Eles diziam para nós: 'vocês têm que se sensibilizar. A Vale é estratégica para a nação'. Nós estávamos sensibilizados. Mas explicamos que sempre que o setor da gente faz parte do processo exigimos dos outros mai-

or sensibilidade. Mas, e quando foi a vez dos outros e a gente não teve sensibilidade? Quando o nosso setor vai, a gente fica louco.

Este é um problema que temos que superar.

Um exemplo: Em São Paulo temos o Banespa e a Nossa Caixa. A Nossa Caixa continuará sendo estatal. Vocês acham que os trabalhadores de lá atuam em conjunto com o Banespa? Não. A política é de competição. Roubam clientes dos outros. Nós sabemos que no futuro vai acontecer com eles o mesmo que aconteceu com o Banespa e aí eles virão pedir socorro. É difícil...

É muito difícil para a CUT organizar a resistência. Não conseguimos sensibilizar outros setores. Na época da privatização da Vasp, dos 12 mil trabalhadores na empresa, 85% apoiavam a sua privatização. Hoje eles são quatro mil. Eles tinham a expectativa de que com a privatização as coisas iriam melhorar. Temos que superar esta orientação.

Nesta conjuntura uma boa pergunta é: o movimento sindical é o ator principal na conjuntura? Não é e não vai ser. Quem é o ator principal é sempre o partido político. Como faremos um enfrentamento maior?

Acho que temos problemas na CUT. Mas não podemos eternizar esta visão de

A CUT é contra a privatização mas em poucos momentos desenvolveu uma atividade correspondente a esta posição. Não tem uma estratégia de luta. E, se esta luta depender de deliberações políticas da CUT será complicado.

Há uma falta de consciência no país sobre as privatizações. O papel da CUT é generalizar esta consciência e a direção nacional da central está aquém do esperado. Temos que discutir os passos para superar nossos problemas políticos. Temos que ter menos discurso contra as privatizações e discutir mais o que fazer.

Os dois problemas básicos da dificuldade de ação da CUT são: 1º) é que na reali-

dade objetiva estamos vivendo um processo em que as elites tomaram a ofensiva. Os trabalhadores, desde Collor, estão na defensiva. Além disso, neste momento, está havendo uma burocratização dos sindicatos. 2º) outra razão dos nossos problemas são as definições políticas da própria CUT. Estão em debate duas visões sobre qual rumo tomar para enfrentar o projeto neoliberal. A visão majoritária não é a melhor. Ela acaba assimilando os preceitos da globalização. Isto limita a ação. Remete para a negociação e não para o enfrentamento. Isto significa, na prática, a aceitação. Temos que mudar. Seguir fazendo o debate, mas colocar em prática aquilo que a gente acredita, juntar os sindic-

atos e fazer o movimento. Debater entre nós não significa buscar inimigos entre companheiros.

A privatização dos setores de telecomunicações e elétrico tem um componente novo no processo porque se trata de empresas que tem uma relacionamento estreito com o público. Portanto este é o momento de se fazer um enfrentamento mais eficiente do que o do processo das vendas do setor siderúrgico ou da Vale do Rio Doce. E agora existem os exemplos das empresas já privatizadas. No setor elétrico temos a Escelsa, cuja privatização trouxe problemas para os trabalhadores mas também para a população porque a qualidade dos serviços



ASSEMBLÉIA

O Sinergia convoca todos os eletricitários de sua base para a Assembléia Geral Extraordinária que acontecerá hoje, no Ginásio da Elase, com 1ª chamada às 18 horas e 2ª chamada às 18h30. A pauta é a apreciação e deliberação sobre a proposta da Eletrosul para o acordo do PLR/97.

ABONO DE FÉRIAS

A partir do dia 03/11, segunda-feira, os trabalhadores da Celesc já poderão assinar o Termo de Acordo do Abono Constitucional de Férias, previsto na cláusula 6ª do ACT 97/98. Na Administração Central é no DPRH e nas Agências Regionais, no SPRH. Todos têm que se dirigir ao seu sindicato, para homologação do termo, sem a qual o referido documento não terá validade. Quem tem férias a vencer em outubro, novembro e dezembro o prazo vai até 31/12/97 para requerer o abono. Os demais têm prazo até 45 dias antes do vencimento do período aquisitivo de férias.

BODE EXPIATÓRIO

O governo Paulo Afonso "justificou" esta semana através da imprensa que, para pagar o 13º salário dos servidores públicos, abrirá o capital da Casan. Na verdade, ao iniciar o processo de privatização daquela estatal, ele estará apenas cedendo à chantagem do governo FHC, que no "acordo" da rolagem da dívida prevê a venda do patrimônio público. O 13º dos servidores é inocente!

UM BANHO EM MENEM

Os argentinos cansaram. Nas eleições legislativas realizadas final de semana que passou, o presidente Menem e seus amigos internacionais receberam um imenso cartão vermelho. Está em baixa na Argentina a política que acabou com as empresas públicas, que trouxe o desemprego, que marginalizou a classe média, que acabou com as escolas, que fez aumentar as favelas e a fome. Enfim todas aquelas coisas que também estão cansando os brasileiros. É o "efeito Orloff" em mais uma de suas manifestações.

CRIMES IMPUNES

Nesta quinta-feira o jornalista Jaques Mick lança o livro *CRIMES IMPUNES - o lado oculto da intervenção no BESC*. O autor trabalhava no Sindicato dos Bancários na época da intervenção e ficou impressionado com a forma com que a imprensa mostrou o fato à sociedade. O livro permite uma análise mais aprofundada deste acontecimento recente da história catarinense. Às 20 horas no Café Matisse (CIC).

Campanha na Rua

Privatização em debate

Na última semana foram realizadas diversas atividades da Campanha contra a privatização.

No Colégio Aníbal Nunes Pires de Capoeiras a privatização foi condenada dia 22, por um júri popular de dez jurados por 9 a 1, composto por alunos. O julgamento durou quatro horas mas a organização se prolongou por mais de 15 dias. Os advogados de defesa da privatização vieram munidos de amplo material veiculado na imprensa, que mostra os milagres do processo. Em contrapartida a acusação, composta por líderes sindicais, mostrou o lado que não interessa à imprensa mas atinge diretamente o cidadão.

No mesmo dia também aconteceu um debate de mais de 2 horas na Escola Municipal Maria Luiza de Melo, bairro Kobrasol, do qual participaram perto de 150 estudantes.

Na tarde de quinta, dia 23, a Rádio CBN/DIÁRIO de Florianópolis também realizou um debate sobre privatização. Participaram Mauro Passos do Sinergia, Laércio Dias da Eletrosul e Antônio dos Santos da Celesc. A rádio registrou uma das mais expressivas participações do público por telefone: 140 ligações onde 74% dos ouvintes posicionaram-se contra a privatização e 26% a favor.

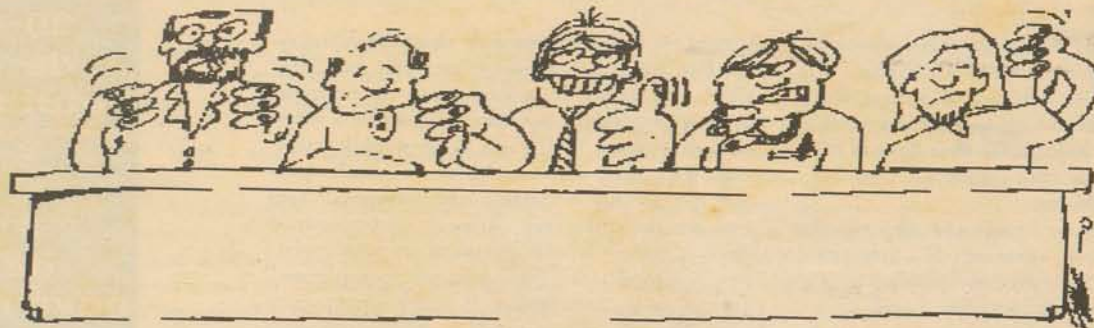
Nesta segunda dia 27 foi a vez dos universitários de Administração na Unisul de Tubarão.

Depois de saberem como são os processos de geração e distribuição de energia os acadêmicos questionaram a lucratividade das empresas, o valor de tarifas e o que fazer para impedir a privatização.

Na vizinha cidade de Armazém os vereadores também tiveram conhecimento da Campanha. Dois deles fizeram pronunciamento defendendo o setor público e ficou o compromisso de engajamento na Campanha pelo fato desta iniciativa ter partido de sindicatos, representantes legítimos dos trabalhadores. Disseram que não fariam o mesmo se a defesa fosse feita por funcionários de alto escalão que, segundo os vereadores, pensam exclusivamente nos seus interesses particulares. Eles confiam na credibilidade das instituições que lideram a Campanha.

Outro vereador, aposentado da Eletrosul, relatou o que viu quando trabalhava na fronteira com a Argentina. Segundo ele, com a privatização dos bancos, as agências das pequenas cidades foram fechadas e no lugar criado uma espécie de banco itinerante, que fica poucas horas em cada cidade, uma vez por semana.

Com a percorrida desta semana ficou claro que só é dado valor às coisas que se perde. Esta consciência tem que mudar e a Campanha contra a privatização está despertando para isso.



Edital de Convocação Assembléia Geral Ordinária - SINDINORTE-SC

Pelo presente edital, ficam convocados todos os associados do Sindicato dos Eletricitários do Norte de Santa Catarina - Sindinorte-SC, empregados da Centrais Elétricas de Santa Catarina S/A - Celesc e da Centrais Elétricas do Sul do Brasil S/A - Eletrosul, em dia com seus direitos sociais e sindicais, para se reunirem em Assembléia Geral Ordinária, em sua sede social sita na rua Max Colin, 2378, Bairro Glória, Joinville-SC, no dia 04 de novembro de 1997 (terça-feira), às 17h30min em primeira convocação, com o número regulamentar de presentes, para a instalação dos trabalhos, e às 18h em segunda e última convocação, com qualquer número de associados presentes a fim de deliberarem sobre a seguinte

ORDEM DO DIA

- 1- Leitura, discussão e votação das peças que compõem o Balanço Financeiro de 1996, com o parecer do Conselho Fiscal; e
- 2- Leitura, discussão e votação das peças componentes da Proposta Orçamentária para o exercício de 1998, bem como o parecer do Conselho Fiscal.

Joinville, 28 de outubro de 1997

Jair Maurino da Fonseca
Presidente do Sindinorte

Campanha contra privatização ganha apoio de entidades nacionais

Constituída em São Paulo, nesta terça-feira, a Coalizão pela Democratização e Qualidade dos Serviços Essenciais (água, luz e telefone) é uma forte ação para frear o processo de privatização.

A Coalizão é baseada nos direitos assegurados na Constituição: o serviço público de fornecimento de energia elétrica, água e telefone, e a participação do controle desses serviços. Direitos que, com a privatização, não mais sairão do papel, já que aos donos do capital não interessa o bem estar da população e sim o lucro.

Os objetivos imediatos dessa Coalizão pretendem assegurar o acesso aos serviços essenciais a todos os brasileiros, lutando pela manutenção de preço e com tarifas em níveis razoáveis, não superando os 10% de lucro. Também de proporcionar o acesso às informações para que os cidadãos possam ter um controle social dos serviços, e a democratização dos órgãos reguladores, que são conselhos ou comissões compostos por representantes do setor público, privado, da sociedade civil, trabalhadores e consumidores.

Participam desta Coalizão o Sinergia de Florianópolis, IDEC - Instituto Nacional de Defesa do Consumidor, Federação Nacional dos Trabalhadores, Instituto de Estudos Formação e Assessoria em Políticas Sociais e diversos sindicatos e associações de urbanitários e outras categorias de trabalhadores. Através dessa iniciativa, agora todo o país terá conhecimento da Campanha contra a Privatização que os eletricitários estão fazendo em Santa Catarina.



ELOS

Mudanças reduzem obrigações da Eletrosul

A Eletrosul vai alterar os estatutos e Planos de Benefícios da Fundação Elos, que colocam em risco o futuro de todos trabalhadores da ativa. Apesar do voto contrário dos curadores eleitos, o Conselho aprovou a modificação proposta pela patrocinadora que prevê a retirada da responsabilidade irrestrita da Eletrosul sobre o **déficit da fundação para novos participantes**. Esta responsabilidade ficará dividida entre a patrocinadora e os novos participantes ativos, nas mesmas proporções das contribuições.

Outra alteração de grande impacto, diz que "no caso de encerramento do Plano de Benefícios, o benefício proporcional fica garantido até a data de fechamento do plano e que a patrocinadora terá um prazo mínimo de 12 meses de antecedência para manifestar-se formalmente, no caso de sua retirada".

Uma mudança grande é a que desobri-

ga a Eletrosul da responsabilidade pelo pagamento das reservas necessárias das aposentadorias especiais (Artigo 71), como a SB-40, insalubridade, etc., para os novos empregados. Este encargo agora é do participante. O Conselho de Curadores recomendou à empresa porém que este encargo seja dividido, na mesma proporção, entre a patrocinadora e o participante.

Ainda referente ao Plano de Benefícios outras modificações menores tratam, por exemplo, do Artigo 12, estabelecendo que a partir da aposentadoria o plano não aceitará mais a inclusão de novos dependentes para fins de pensão. Vai ser introduzida ainda a **complementação mínima** de aposentadoria (Artigo 28), atuarialmente equivalente ao montante das contribuições vertidas pelo participante, devidamente corrigidas. Foi alterada também a data de reajustes das aposentadorias para novembro.

Para que estas alterações passem a vigorar, basta agora apenas a aprovação da SEST (Secretaria Especial de Controle das Estatísticas) e da SPC (Secretaria de Previdência Complementar).



Segurança e saúde: um problema na Celesc

Em diversos postos de trabalho da Celesc os trabalhadores têm sérios problemas nas áreas de segurança e saúde. O LV fez um levantamento e constatou alguns problemas da maior empresa do Estado.

Na oficina mecânica da Agência de Florianópolis, dois mecânicos são os responsáveis pela manutenção da frota de 104 veículos. Eles não recebem insalubridade apesar de estar em contato direto com querosene, metanol e outros produtos químicos prejudiciais à saúde. Já na oficina elétrica, além da falta de pessoal, os trabalhadores não fazem exames médicos há três anos. Isso sem falar na falta de material básico, como papel higiênico, papel toalha e detergente. "O material cedido hoje pra nós não supre a necessidade. Nos acusaram de levar material pra casa, mas nós é que trazíamos. Aqui é uma oficina elétrica, trabalhamos com proteção e religação e lavamos as mãos diversas vezes", argumenta um auxiliar técnico. Outra preocupação do pessoal desta oficina é com a formação. Há 2 anos trabalhavam naquele local cerca de 18 pessoas. O mesmo serviço hoje é executado por 7, sendo que alguns estão prestes a se aposentar. "Este é um serviço que exige experiência de alguns meses e essa preparação não é feita. Visto a camisa da minha empresa e me preocupo com a qualidade do profissional que vai ficar no meu lugar", desabafa o trabalhador.

A responsabilidade sobre os problemas é do Departamento de Operação e Manutenção da Central.

A responsabilidade pela realização dos exames periódicos, no caso da oficina elétrica é da DVSM/Administração Central.

Outro exemplo de completo descaso com as condições de trabalho do celesquiano é no Arquivo Geral que fica no Almoxarifado Central. Lá os problemas são a poeira e o mofo. A região é sempre atingida quando acontecem enchentes. A última, em dezembro de 95 alcançou um metro e meio. Alguns documentos ainda estão molhados. Mesmo limpano periodicamente, em certos lugares a poeira ganha dimensões em centímetros.

Por isso os empregados têm um pigarro permanente. Eles reivindicam, em primeiro lugar, o adicional de insalubridade e em segundo, o fornecimento de leite. No entanto, segundo o diretor de Saúde e Segurança do Trabalho do Sinergia, Hélio Coimbra, neste caso "o que resolve mesmo é oferecer aos empregados um local de trabalho adequado". A sugestão para os trabalhadores da oficina mecânica é que o serviço de medicina e segurança do trabalho da empresa faça uma verificação no local. O que mais chama a atenção na oficina elétrica é a execução do trabalho pela metade do quadro original. Este caso também merece uma inspeção para se verificar se está havendo sobrecarga de trabalho.

No setor de documentação do CEFA o problema são as pulgas que de tempos em tempos infestam o local.



SOBRE NADA

Dinovaldo Gilioli - Diretor do Sindicato dos Eletricitários de Fpolis

Luiz Cézare Vieira - Repr. dos Empregados no Conselho de Adm. da Celesc

A poesia não serve para nada. Além de não agregar valor ao produto e aos processos, ela é um convite ao ócio. Todo poeta é no fundo um vadio. As pessoas ao invés de ficarem lendo bobagens, deveriam se preocupar com seu sucesso tornando-se um verdadeiro empreendedor. O mercado oferece oportunidades, basta ter visão. Você pode sim, se tornar um vencedor!

Se você, como nós, desprezar este tipo de discurso mutilante e medíocre, muito comum em tempos de globalização da economia, pode e deve continuar lendo esta página. Caso contrário, isto é, se você se sentiu contemplado com o parágrafo acima, pode parar por aqui. Não se trata de maneira alguma, de intolerância, mas de um simples aviso. É que estamos falando do "Livro Sobre Nada" do poeta Manoel de Barros, um verdadeiro libelo contra o utilitarismo neoliberal. Manoel, um velho fazendeiro do Mato Grosso, fala das coisas mais prosaicas, chás e inúteis, capaz de chocar as mentes neotecnológicas. Afinal para ele, que prefere as máquinas que não funcionam, o cú de uma formiga vale muito mais que uma usina nuclear.

A poesia de Manoel de Barros é um alento para todos os que se revoltam contra uma ordem que aprisiona as pessoas na lógica da produção, do consumismo, do lucro, da concorrência irracional. É um alerta aos que vivem a "Era do Descartável". É uma reza transversa ao Deus mercado - que prodigamente salvará a todos, dando como reino o céu dos objetos.

No capitalismo, o consumo é a ilusão para o alcance da "felicidade". O antídoto para o utilitarismo absoluto destes tempos é a inutilidade absoluta: "Senhor, eu tenho orgulho do imprestável". E o "imprestável", para Manoel de Barros, é uma exuberante fonte de poesia. A poesia de Manoel que é de barros, como ele mesmo a define, "é um alarme para o silêncio", "um abridor de amanhecer".

Choveu de noite até encostar em mim.
O rio deve estar mais gordo. Escutei
um perfume de sol nas águas.



Sou um sujeito cheio de recantos.
Os desvãos me constam.
Tem hora leio avencas.
Tem hora, Proust.
Ouço aves e bethovens.
Gosto de Bola-Sete e Charles Chaplin

O dia vai morrer aberto em mim.

Os patos prolongam o meu olhar... quando passam levando a tarde para longe eu acompanho...

PROJETO MEIA HORA

Na sua 3ª edição, o Projeto Meia Hora, que leva arte e cultura aos locais de trabalho, promete mexer com os eletricitários. Promovido pelo Sinergia desde 1995, conta este ano com o importante apoio da Aprosul e APC. No Meia Hora, que acontece sempre às 12h30min, serão apresentadas peças teatrais que foram selecionadas para o Festival Nacional de Teatro Isnard Azevedo. O festival, promovido pela Fundação Franklin Cascaes, está acontecendo entre 01 a 08/11/97 em Florianópolis. Conheça a programação do Meia Hora e bom espetáculo!

<u>Dia</u>	<u>Local</u>	<u>Espetáculo</u>	<u>Grupo</u>
03/11 seg	Hall Sede Eletrosul	Bonecos Gigantes da Cidade	Bonecos Gigantes (RS)
04/11 ter	Hall Sede Celesc	Tem Areia no Maiô	As Marias da Graça (RJ)
05/11 qua	Hall Sede Eletrosul	Auto da Barca do Inferno	Laboratório do Ator (SP)
06/11 qui	Hall Sede Celesc	Bonecos Gigantes da Cidade	Bonecos Gigantes (RS)
07/11 sex	Hall Sede Eletrosul	Roda Saia Gira Vida	Teatro Anônimo (RJ)